

Inauguração: Quinta-feira, 22 de Novembro, 22h

23 Nov, 2012 – 19 Jan, 2013

Terça a Sábado das 14h às 19h

TEXTO POR MIGUEL VON HAFE PÉREZ

NOVEMBRO, 2012

The American Sunset reúne trabalhos de Rui Calçada Bastos criados no âmbito da sua residência californiana na *Villa Aurora* e obras que agora se apresentam pela primeira vez. A partir de um universo visual que se inscreve numa clara alusão e tradição cinematográficas, o autor parte do contexto particular da cidade dos anjos para se situar num plano que remete para um profundo questionamento da actualidade.

No vídeo *If you're going through hell, keep going*, assistimos a um fluxo ininterrupto de carros que se vão ultrapassando numa proximidade alienante, sendo que a orquestração desse movimento mecânico é acompanhada de uma banda sonora onde se podem ouvir passagens e frases recolhidas por Patrick Findeis – colega de residência de Calçada Bastos – de citações e testemunhos avulsos de assassinos em série. Um segundo vídeo utiliza essa mesma frase como uma espécie de máscara que só deixa entrever a passagem dos carros e dos clarões produzidos pelas suas luzes, assim densificando o ambiente de fechamento de uma situação em que o espectador é tornado um voyeur involuntário. Torna-se claro, então, que a incoerência narrativa das frases ouvidas, a sequência claustrofóbica dos carros numa viagem sem destino definido e o propositado balizamento da frase do título da obra no modo como perceptivamente somos obrigados a olhar esse movimento contínuo são elementos constitutivos de um desconforto procurado, de um desconforto conceptualmente materializado pelo autor.

As fotografias que fazem parte do projecto definem igualmente um território de estranha e paradoxal inquietação. Uma estrada que acaba no meio de nada, as mãos cruzadas de um idoso apoiadas num computador portátil, são representações que remetem para uma temporalidade descontínua, para um lapso no espaço e no tempo que não sabemos se propositado, acidental ou permanente. Numa terceira imagem, o paradigma da fugacidade temporal, o pôr do sol, é captado pelo ecrã de uma câmara fotográfica digital, sendo que a definição da imagem se apreende melhor aí do que na pretensa realidade, que na fotografia se encontra desfocada. Neste caminho para a escuridão estamos condenados a perceber a realidade por meios tecnologicamente assistidos. Esta parece ser a nossa condição actual: a primazia de um mundo digitalizado sobrepõe-se à experiência. Porque a experiência, para Calçada Bastos, erige-se a partir da limitação de um entendimento livre e esclarecido daquilo que nos rodeia. Esta é a conclusão a retirar da última imagem da exposição, um auto-retrato em que o artista se senta num banco a contemplar um pôr do sol. Nesta imagem irrompe um elemento disruptivo, pois o personagem está estranhamente envolto em arame farpado; paradoxo visual que se torna mais evidente pela presença no espaço da exposição do banco com o arame farpado.

Sem tornar a sua proposta num comentário literal ao *Zeitgeist* contemporâneo, o artista prefere manter uma ambiguidade que deixa transparecer um pessimismo primordial. Olhar sem ver, experimentar sem sentir, vive-se aqui um estado de anestesia perceptiva, um hiato na compreensão do mundo. Por desistência própria ou por imposição exterior. À espera do fim de uma longa noite que se avizinha.

Opening: Thursday, November 22, 10 pm

Nov 23, 2012 – Jan 19, 2013

Tuesday to Saturday from 2 pm to 7 pm

TEXT BY MIGUEL VON HAFE PÉREZ

NOVEMBER, 2012

The American Sunset brings together works by Rui Calçada Bastos created within the timeframe of his residence at *Villa Aurora* in California, now shown to the public for the first time. Starting from the vantage point of a visual universe inscribed in a clear cinematic reference and tradition, the author probes into the particular context of the “city of angels”; and ends up leading himself into a profound questioning of the present.

In the video *If you're going through hell, keep going*, we are confronted with a steady stream of cars overcome by an alienating proximity, whilst the orchestration of this mechanical motion is accompanied by a soundtrack where one listens to phrases, citations and sundry testimonies of serial killers collected by Patrick Findeis – a colleague of Calçada Bastos at *Villa Aurora*. A second video uses the same phrasing as a kind of mask that only hints at the passing of cars and the glare produced by their lights, thereby intensifying the atmosphere of confinement in a situation where the viewer becomes an involuntary voyeur. It becomes clear, then, that the narrative incoherence of spoken phrases, the claustrophobic sequence of cars on a journey without destination, deliberate mark the title phrase of the work in such a way that we are perceptually forced to regard this continuous movement as components of a sought discomfort, a distress conceptually materialized by the author.

The photographs that constitute the project, also define a territory of strange and paradoxical restlessness. A road that ends in the middle of nowhere, the clasped hands of an elderly held on a laptop, are representations that refer to a discontinuous temporality, to a lapse in space and time we do not know whether deliberate, accidental or permanent. In a third image, the paradigm of temporal transience, the sunset is captured by the screen of a digital camera, and the image definition is better seized there than on the alleged reality, which in the photograph is blurred. In this path of darkness we are destined to capture reality by assisted technologically means. This seems to be our current condition: the primacy of a digitalized world overlaps the experience. Because experience to Calçada Bastos, rises itself from the limitations of a free and clear understanding of what surrounds us. This is the conclusion from the last image of the exhibition, a self-portrait in which the artist sits on a bench contemplating a sunset. In this image a disruptive element erupts because the individual is strangely wrapped in barbed wire; a visual paradox that becomes more evident by the presence in the exhibition space of the bench with barbed wire.

Without making his proposal a literal commentary to the *Zeitgeist*, the artist prefers to maintain an ambiguity that reveals a fundamental pessimism. Look without seeing, experience without feeling, herein living is a state of perceptual anesthesia, a gap in the understanding of the world. By inner waiver or by exterior enforcement. Waiting for the end of a long night ahead.